

Empresários: se decretado, congelamento não será cumprido

SÃO PAULO — Ao comentarem as medidas em estudo pela equipe econômica do Presidente eleito Fernando Collor de Mello, empresários ligados à Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), reunidos ontem, foram unânimes em um ponto: não haverá congelamento de preços. O Presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Jacy Mendonça, disse que a medida acabaria com a economia do País, enquanto outros empresários, que preferiram não se identificar, afirmaram que se houver congelamento, ninguém o cumprirá.

Aldo Lorenzetti, da Indústria Eletroeletrônica, está otimista, porque na sua opinião prevalecerá uma política econômica sem radicalismos, o que evitará uma grande recessão. Segundo ele, a inflação brasileira é decorrente do alto custo do dinheiro. Para ele, a forma de derrubar a in-

flação sem recessão depende de o Banco Central passar a remunerar o **overnight** com o índice da inflação mais juro real pequeno.

Já Luís Eulálio Bueno Vidigal, ex-Presidente da Fiesp, acha que o Presidente eleito Collor de Mello conseguirá baixar a inflação para entre 3% e 5% em doze meses, embora com queda na atividade industrial. O Presidente do Sindipeças, Pedro Eberhardt, analisa que é melhor ter uma pequena recessão agora do que entrar num processo de hiperinflação.

Vidigal e Lorenzetti discordam sobre uma possível maxidesvalorização do cruzado. Lorenzetti argumenta que não é o momento apropriado para corrigir a defasagem cambial do setor, embora garanta que esta exista. Vidigal defende que a maxi deva ser feita, de uma só vez ou em três etapas.